

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

ELISON RODRIGUES CAVALCANTE

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO
MATUPÁ SUA LUTA EM BUSCA DE MELHORIAS E DIREITOS**

Novo Aripuanã
2024



ELISON RODRIGUES CAVALCANTE

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunidade São Francisco do Matupá e suas trajetórias em busca de melhorias e direitos

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 30 de novembro de 2024.

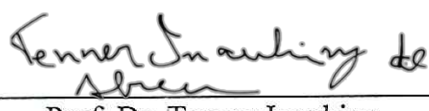
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador



Prof. Me. Leonardo Lucas Britto
Membro



Prof. Dr. Tenner Inauhiny
Membro

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO
MATUPÁ SUA LUTA EM BUSCA DE MELHORIAS E DIREITOS**

*Elison Rodrigues Cavalcante¹
André Luiz Passos Araújo²*

RESUMO: Este relato de experiência baseia-se em pesquisa histórica, que consiste em analisar as lutas e vivências de comunitários da região do Lago do Matupá, adveio a originar-se comunidade de São Francisco. Observa-se a compreensão do processo de formação de comunidade, a parte das lutas em busca de fixação em suas terras. Utilizando para isso análise de documentos históricos e da História Oral como principal método de investigação. Os resultados obtidos foram de que A comunidade surgiu em um contexto de marginalização, onde seus membros enfrentavam desafios como a falta de acesso a serviços básicos, a discriminação e a exclusão social. No processo de formação, as pessoas se uniram para reivindicar direitos e melhorias em suas condições de vida.

Palavras-chave: Comunidade São Francisco. Organização comunitária. Vida em comunidade. Lutas. Conquistas.

1. Introdução

A comunidade São Francisco do Lago Matupá é um exemplo notável de resistência e luta pela terra, refletindo a complexidade dos processos sociais e culturais que moldam a vida de seus habitantes, durante o processo da pesquisa mostrou-se ser um espaço social que reúne indivíduos que compartilham não apenas um território, mas experiências, valores e desafios comuns.

Este trabalho tem como objetivo compreender o processo de fundação da comunidade e as batalhas enfrentadas por seus membros na busca por reconhecimento e direitos sobre suas terras.

Através de uma análise detalhada, o texto será dividido em três partes: A primeira aborda os modos de vida que caracterizam a comunidade, destacando suas tradições, costumes e formas de subsistência. Na segunda parte, vamos discorrer o processo de fundação e a organização social que emergiu desse contexto, evidenciando as estratégias utilizadas pelos moradores para se unirem em prol de um objetivo comum. Por fim, discutiremos os projetos desenvolvidos pela comunidade e as conquistas alcançadas ao longo dos anos, ressaltando a importância da mobilização e da solidariedade na construção de um futuro mais justo e digno para todos. Assim, este estudo não apenas documenta a história da São Francisco do Lago Matupá, mas também busca inspirar

¹Graduado do curso de licenciatura em história, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail; relisonrodrigues972gmail.com

²Professor assistente do curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. E-mail: luizpassos_am@yahoo.com.br

reflexões sobre a luta por direitos territoriais e sociais nas comunidades ribeirinhas brasileiras.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de entender uma parte do cenário histórico da comunidade à qual pertencço, permitindo que, como membro ativo, tenha uma visão mais crítica e informada sobre as questões que nos afetam.

2. Procedimentos metodológicos

O objetivo desta pesquisa é compreender a história e as memórias coletivas da comunidade São Francisco, utilizando para isso da análise de documentos históricos e da História Oral como principal método de investigação.

A análise documental foi utilizada para fundamentar a pesquisa, permitindo uma visão contextualizada da Comunidade São Francisco. Documentos como registros históricos, registro da Ata da instituição, e outros materiais relevantes produzidos por pela entidade foram examinados e forneceram informações valiosas para o texto. Essa etapa foi essencial para compreender o contexto social e histórico da comunidade, além de oferecer referências e fundamentar as bases das entrevistas.

Inspirando-se nas obras de autores como Meihy (2015) Portelli (2010), a pesquisa incorporou a História Oral como uma ferramenta fundamental. As realizadas com a parte desse método foram essenciais para capturar os discursos, experiências e percepções dos moradores, possibilitando um entendimento mais profundo das diferentes narrativas que moldam a memória e a identidade da comunidade.

Para realizar essa coleta de narrativas foram realizadas as seguintes etapas, conforme destacado por Meihy (2015) :a) Seleção dos entrevistados, onde ocorreu a escolha dos indivíduos representativos, levando em conta diversidade de gênero, idade experiências pessoais e vivências no processo de construção da comunidade; b)Preparação das entrevistas, com um roteiro de perguntas abertas que estimule os entrevistados a compartilhar suas memórias e histórias de vida; c)Realização das entrevistas, onde foram efetivas as gravações das narrativas a partir de um ambiente confortável e seguro para os entrevistados, garantindo que se sintam à vontade para falar sobre suas experiências; d)Transcrição, onde são transcritas as falas, respeitando a integridade das narrativas; e)Análise das narrativas, onde se passa a observar a narrativa escrita à luz das teorias da história oral, buscando compreender como as memórias

individuais se entrelaçam com a memória coletiva extraindo dali as informações que ajudarão a compor o contexto histórico estudado.

Dentre o universo de potenciais depoentes, foram selecionado para a pesquisa, os seguintes comunitários: Ednaide Mascarinha Braga, 62 anos, que esteve ligada à criação da comunidade embora não seja uma associada; Diana Braga Rodrigues, 37 anos, sua história reflete mudanças sociais na comunidade; Edson Lisboa Cavalcante, 45 anos, um dos principais articuladores da criação da comunidade e sócio fundador; Robertinho Vieira, 48 anos, que deu apoio à luta dos comunitários do São Francisco; e Edilson Lima, 59 anos, líder da comunitário e idealizador do projeto de formação da comunidade.

As entrevistas foram conduzidas por um roteiro semidirigido, formato que permitiu flexibilidade durante as entrevistas, dando aos entrevistados maior liberdade para compartilhar suas histórias.

As informações oferecidas pelos entrevistados e a as obras consultadas para fundamentação teórica foram a tônica que tornaram possível uma análise da realidade da comunidade São Francisco Lago do Matupá.

3. Modos dia vida da Comunidade São Francisco

O modo de vida das pessoas de comunidades tradicional, como as encontradas na Amazônia, vive em perfeito equilíbrio com a natureza, estruturada de maneira simples, sustentável e profundamente ligada ao meio ambiente. Dentro da comunidade São Francisco do Lago Matupá, que fica localizada na margem esquerda do rio Madeira, a vivência segue a partir de valores e princípios que acompanham o cotidiano de comunidades tradicionais tais quais o respeito à natureza, o trabalho coletivo, a proteção da cultura, a tradição, a cooperação e solidariedade. Segundo Andrade (2001, p.18) “as comunidades são extremamente dependentes de recurso naturais para as suas sobrevivências, em especial a pesca e a roça”, não sendo uma experiência que difere da que acontece na comunidade em questão.

Essa forma de existência é um exemplo inspirador de como é possível viver em harmonia com o meio ambiente, exemplos sobre esse modo de vida podem ser observados quando analisamos a comunidade São Francisco do Lago Matupá que revela importantes aspectos da vida local, especialmente em relação à subsistência e ao papel das mulheres na economia familiar.

as atividades que eram castanha, cortar seringa para extrair o leite, para vender a borracha, a pesca e a madeira. E também as mulheres na época faziam no caso minha avó e minha mãe, faziam paneiros, faziam vassouras isso tudo para ajudar na renda da família”. (Diana Braga, 2024).

ele [esposo] cortava a seringa e trabalhava com castanha e com roça que eu também participava, e eu trabalhava artesanato e com costura como sempre trabalhei. (Edna, 2024)

Ambas as falas destacam o papel ativo das mulheres na economia familiar. Diana que é filha de Edna menciona que sua mãe e sua avó faziam paneiros e vassouras, o que é confirmado por Edna na fala consecutiva. Isso não apenas mostra a contribuição feminina para a renda familiar, mas também ressalta a importância de habilidades artesanais e tradicionais na cultura local. A referência ao trabalho das mulheres sugere um modelo de economia familiar em que todos os membros contribuíam conforme suas capacidades e habilidades.

Além do artesanato, a produção de farinha de mandioca se destaca como um exemplo notável de cultura e conhecimento. O processo de fazer farinha de mandioca envolve várias etapas que são realizadas com grande cuidado. O primeiro deles é a roçagem do solo, uma prática que consiste em preparar a terra para o plantio. Após a roçagem, é realizada a encoivaração dos roçados, que no caso é a limpeza do solo. Essa etapa demonstra o conhecimento profundo dos agricultores sobre os ciclos da natureza e as necessidades das plantas. Com o solo pronto, chega o momento do plantio. As sementes de mandioca, maniva, são cuidadosamente colocadas na terra, respeitando as distâncias adequadas para garantir que cada planta tenha espaço suficiente para se desenvolver.

A roça tem três fases. A gente começa a roçar, que é um puxirum grande que a gente faz só entre homens. As mulheres ficam em casa fazendo comida, fazendo café. A gente vai roçar só os homens. A gente faz um puxirum com dez pessoas, oito pessoas, a gente vai. Aí a gente queima. Aí tem o processo do puxirum de encoivaração. As mulheradas, as crianças, todo mundo já participa. A gente se arruma cedo, toma o café e vamos para o roçado, encoivarar, joga para o mato, faz aquelas coivaras, toca fogo. Limpa a área. Aí vem a fase da plantagem. Também envolve toda a comunidade. Se tiver criança, vai. Que idade que já pode andar, já pode ir. É muito animado. Os que bebem, bebem. Os que tomam café, tomam. A gente faz aquela resenha lá dentro e planta. (Edson Lisboa, 2024)

A capina é uma atividade importante e desafiadora, especialmente no verão, Toda a família participa do trabalho, incluindo crianças. O trabalho é dividido em turnos, com pausas para descanso, e um processo complexo que envolve toda a família. O trabalho é difícil, mas, em alguma dimensão, também se apresenta como uma face de divertimento e gratificação.

A capina, hoje em dia, é uma das atividades que mais puxa a gente na roça. A gente se acorda bem cedinho. Ainda mais esse tempo de verão. [...] A molar terçado. A mulher faz o café, a gente prepara. Também envolve todo mundo, envolve toda a família. Criança que aguenta, já garante que a capina vai. Envolve toda a família. A gente vai que a gente não pode demorar muito, umas nove horas, dez horas. A gente tem que retornar porque o sol é muito quente. Aí de tarde, a mesma sequência. Até de tardinha, até de noitinha. Aproveita o dia todo que a gente pode trabalhar. Aí vem a parte da tirar. A mandioca para fazer a farinha. Também envolve toda a família. Criança pequena que já pode andar, carrega. Os homens, as mulheradas vão decotando. Os homens vão arrancando. Os outros já vão carregando para o rancho. Aí chega no rancho. Também toda a família. Processo de mandioca, se tiver dez, tem trabalho para dez. Dá muito trabalho, é dificultoso. Mas é divertido também. Nessas horas tem a parte da resenha, da brincadeira. Uma brincadeira daqui. outra dali. Aí vai distraindo. A gente pensa que o dia já passou, mas o trabalho é feito”. (Edson Lisboa, 2024)

A narrativa destaca a importância da cooperação familiar e da divisão do trabalho. também enfatiza a resiliência e adaptação da família diante das condições climáticas desafiadoras. A descrição do processo de trabalho mostra a complexidade e o esforço necessário para produzir farinha de mandioca, A diversão e prazer no trabalho sugere que, apesar das dificuldades, a família encontra satisfação no trabalho.

A rotina de trabalho durante a época da capina é marcada por uma jornada extenuante e disciplinada. O dia começava cedo, com a saída de casa para a roça, onde a capina aguardava. O sol já e quente às 9 horas da manhã, demonstrando a intensidade do trabalho físico. Após horas de trabalho, a família fazia uma pausa para descansar e se alimentar. Como a roça ficava distante de sua casa, eles comiam peixe assado na beirada do roçado. Esse momento de descanso era essencial para recuperar energias antes de retomar o trabalho. A rotina seguia até as 15h ou 16h, quando a família voltava para casa, exausta, mas satisfeita com o trabalho realizado. Destaca a dedicação dos trabalhadores rurais, que enfrentavam condições desafiadoras para garantir a sobrevivência de suas

famílias. Essa rotina diária ilustra o ciclo de trabalho e vida na zona rural, onde o trabalho físico intenso e a cooperação familiar são fundamentais para o sucesso.

Na época da capina, a gente chegava na roça, capinava, o sol já estava quente, e a gente perguntava para o papai, que era o único que tinha o relógio, que horas tem? É oito e meia, sendo que já era umas nove e pouco da manhã. Quando era umas dez horas. Perguntava que horas tem, papai. Ah, daí é nove e meia. E assim a gente ia sabendo que não era aquele horário. Mas quem ia dizer que não? Antigamente não podia dizer não para o pai, senão pegava uma tapa. Daí a gente ficava lá na beira mesmo. Muitas das vezes, quando era na capina, ficava na beira mesmo do roçado. Daí comia um peixe assado, ficava descansando, até dar três e meia, quatro horas para começar a capinar de novo, mais um pouquinho, daí cinco horas, cinco e vinte, a gente já voltava para onde a gente morava. (Diana Braga, 2024).

O relato de Sr. Diana Braga também expõe as relações familiares e sociais da época. A autoridade paterna era absoluta, e questionar o horário relatado pelo pai não era permitido. A ameaça de punição física (“pegava uma tapa”) reforçava a obediência. A cooperação familiar era fundamental, e o trabalho conjunto garantia a sobrevivência. A descrição da rotina diária mostra como as relações familiares e sociais estavam ligadas ao trabalho e à sobrevivência.

E interessante analisar que antes de se tornar comunidade os recursos eram precários na região, dificultando o processo da produção de farinha, fazendo com que as pessoas se deslocassem para uma outra região onde tinha o recurso necessário para executar as tarefas.

A gente acordava de manhã cedo, de madrugada, 4h30 no máximo, daí a gente acordava, tomava café, pegava canoa e ia para outra comunidade, que na época não tínhamos rancho na nossa comunidade, rancho, forno, para fazer a farinha. E nem a nossa roça era na outra comunidade. Daí ia chegar na roça, arrancava, carregava, e vinha aqui, onde era roça não era o rancho, era no outro lugar. Daí a gente chegava, descascava a mandioca, enquanto uns estavam descascando, outros já estavam carregando, as crianças menores já estavam carregando todas no seu peneiro pequeno. Era divertido, porque cada ida para deixar a mandioca lá em terra, já limpa, descascada, eles caíam na água na volta. Então era sacrifícios, mas era divertido também. E quando a gente terminava de fazer o trabalho, que os mais velhos já ficavam ralando, tirando lenha, era hora de se divertir. Pegava canoa do cacho da bacabeira, ia se escorregar até na beira. Então era muito divertido, mas era difícil. (Diana Braga, 2024).

A fala ilustra todo o processo desde o despertar, por volta das 4:30 da madrugada. Tomavam seu cafezinho e pegavam sua canoa para se deslocarem para a outra

comunidade, o processo de arrancar de carregar, e transporta para uma outro espaço, expõe um processo árduo que em meio a esse obstáculos as crianças se divertiam cada volta para deixar uma poção de mandioca limpa lá no rancho, as crianças vinham e pulavam na água, descontraíndo e se divertindo. A visão da depoente coloca a questão da diversão infantil intimamente ligada ao trabalho, o que parece ser uma experiência típica de comunidades onde a agricultura de subsistência domina a rotina diária. Nesses ambientes, as crianças frequentemente se veem envolvidas nas tarefas do campo, ajudando suas famílias desde cedo. O conceito de lazer muitas vezes se confunde com as obrigações diárias, tornando-se um desafio encontrar momentos específicos para a brincadeira. Assim, as atividades recreativas não são vistas como um tempo separado, mas, sim, como uma extensão natural do cotidiano. É nesse cenário que as brincadeiras surgem, muitas vezes inseridas nas atividades, onde as crianças aprendem e se divertem simultaneamente, refletindo a realidade de um mundo em que trabalho e lazer coexistem de forma indissociável.

Como contribuição para essa perspectiva (Trindade, et al.2020 p 85.)

A observação das brincadeiras e a reflexão sobre suas motivações e funções são instigantes em vários sentidos. Nas nos ensinam apenas sobre a criança, suas competências sociais, autonomia e criatividade no uso do recurso do meio; nem somente sobre o brincar como atividade intrinsecamente motivada, como propiciador de desenvolvimento ou como direito da criança. Prioritariamente, ensinam motivações humanas básicas reveladas no bojo da enorme diversidade cultural das manifestações concretas desse brincar. As crianças dispõem de um fabuloso mecanismo de ressignificar as brincadeiras que expressam a criatividade inerente ao mundo infantil, associabilidade interação com sua cultura.

Outro aspecto da vida cotidiana dos moradores da comunidade se dá em relação ao escoamento de sua produção. Esse processo pode ocorrer em várias etapas e meios, passando pelo uso de canoas com ou sem motor de popa, os chamados moto-rabeta, e ainda por meio do uso de peneiros, bicicletas e carrinhos.

Era feito de canoa, muitas das vezes de remo, que também não tínhamos motor rabeta na época. Era só na canoa mesmo e no remo. (Diana Braga, 2024).

A gente ia de uma comunidade para outra e voltava para a nossa comunidade. Da nossa comunidade até chegar na cidade tinha um varador de 45 minutos que, quando estava seco, a gente utilizava ele. Então, tínhamos que carregar esses produtos no paneiro. No paneiro, na

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

saca. Assim, a gente vinha trazendo até chegar na cidade. (Diana Braga, 2024).

O processo de escoar era muito dificultoso. A gente trazia numa bicicleta. Quem não tinha bicicleta, tinha o carrinho. Quem não tinha carrinho, vinha no paneiro mesmo, na costa. E era muito dificultoso. É por isso que eu digo que a reserva, hoje em dia, nos facilitou muito a nossa vida lá dentro, a nossa comunidade. (Edson Lisboa, 2024)

Ao analisar as falas verificamos que a depoente Diana começa descrevendo o modo de transporte, menciona que as viagens eram feitas em canoas, muitas das vezes apenas com remo, sem ajuda de motores, isso indica uma dependência de modos tradicionais e manuais, onde as pessoas se adaptavam as circunstâncias e encontravam maneiras de se locomover nas águas que cercam sua região. Novamente a Sra. Diana fala sobre a viagem até a cidade que incluía um percurso no varador – um caminho ou trilha – de 45 minutos. Essa prática mostra a interação da região com a cidade. Por sua vez o Sr. Edson fala da utilização de bicicleta, carrinho ou mesmo o transporte manual como utilização de peneiros nas costas, descrevendo que a vida não parecia muito fácil, pois exigia um gasto de energia e tempo que poderia, de alguma forma ser economizados. As narrativas sublinham os desafios enfrentados pelos moradores da região e de alguma forma suscitavam uma vontade de melhorias nesses processos.

Após penoso trabalho de traslado dos produtos produzidos, seguia-se a fase da distribuição e venda, que ocorria, essencialmente, na sede da cidade de Novo Aripuanã.

fora da comunidade nós trazia para cá para feira de novo Aripuanã que não era feira era mercado por trás do mercado a gente [...] procurava venda, aí as pessoas compravam. (Edna, 2024)

A fala da Sra. Edna ilustra não apenas o processo de venda em si, mas também as estratégias dos moradores para superar os desafios e garantir sustento. Ela revela a insistência dos vendedores e a importância do comércio informal como um componente vital da economia local, destacando o papel das feiras na vida dos produtores.

A importância da relação entre produção, consumo e comércio na vida dos agricultores, indica que os produtos cultivados não servem apenas para venda, mas também para suprir as necessidades alimentares das famílias perfazendo o princípio da agricultura familiar.

Muitas das vezes para comércio, mas também fundamental para a refeição diária, para o cotidiano. (Diana Braga, 2024).

A produção voltada para o consumo familiar mostra que os agricultores estão diretamente conectados aos seus trabalhos, pois cultivam alimentos que fazem parte do seu próprio sustento. Essa prática pode indicar a cultura de sustentabilidade, onde a produção é feita de maneira que atenda tanto as demandas do mercado quanto as necessidades pessoais. Por outro lado, a venda do produto representa uma oportunidade de geração de renda e sustento, onde os produtores se tornam fornecedores de recursos, enquanto os consumidores por sua vez, apoiam a economia local ao escolher produtos cultivados na região. Esse esquema se coloca como modelo de sustentabilidade, embora, na prática, as coisas nem sempre acontecem como se prevê, dadas a intempéries do tempo, da falta de apoio logístico no transporte e venda, nas oscilações de preço no mercado, e assim por diante.

Essa relação do campo com a cidade demonstra uma perspectiva das desigualdades entre esses dois espaços. (Williams. 1973. p, 11) aponta que essa perspectiva negativa em relação ao campo está atrelada a uma visão limitada das pessoas em relação ao meio rural, perpetuando uma imagem negativa que não reflète a complexidade e as potencialidade dessas comunidades. Essa visão distorcida contribui para o enfrentamento de diversos obstáculos como falta de políticas pública que atendam as demandas das comunidades ribeirinhas. Essa realidade reflète uma luta constante para garantir o básico: educação, moradia e saúde.

Minha vida foi muito sacrificada, muito sacrificio para chegar aonde a gente chegou, e hoje eu não tenho filho formado, porque as condições eram poucas. (Edna, 2024)

Ela sintetiza não apenas sua própria trajetória, mas também a realidade enfrentada por muitas famílias que vivem em áreas rurais e distantes dos centros urbanos, como Novo Aripuanã.

Todos aqueles obstáculos que os moradores daquela região enfrentavam – trabalho árduo na roça, dificuldade de escoamento, falta de infraestrutura adequada para transportes, distância da cidade, dificuldade de acesso a saúde e educação – os fez despertar para a luta por melhorias, que anos depois chegaria por meio de sua organização comunitária, a fundação da comunidade do São Francisco.

4. Fundação da comunidade organização social

A fundação de uma comunidade representa um passo significativo para a organização social de um povoado. É um sinal da conscientização de uma luta por reconhecimento e acesso a direitos básicos. Isso pode incluir o direito à terra, à preservação dos recursos naturais, ao atendimento social e à participação nas decisões que afetam suas vidas.

Essa busca pode ser vista como uma resposta à marginalização ou à falta de reconhecimento das necessidades e dos direitos da população local dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Madeira pela falta de políticas públicas essenciais. A formalização da comunidade pode ter proporcionado um espaço para reivindicações coletivas e acesso a recursos que antes estavam indisponíveis ou dificultados.

...antes não era comunidade, nós fundamos a comunidade em busca de direitos para nossa gente (Diana Braga, 2024)

A história começa com a chegada de um programa governamental que trouxe quatro bolsas de benefícios, que despertou o interesse dos moradores locais. Esses benefícios prometiam não apenas suporte financeiro, mas também acesso a recursos e oportunidades que poderiam transformar a vida da comunidade.

Para compreender melhor a natureza dos benefícios direcionados segue as ponderações de Andrade (2001, p. 26-27).

Bolsa Floresta Renda: Destinado ao apoio à produção sustentável: peixe, óleos vegetais, frutas, mel e castanha entre outros. O valor pago varia de acordo com o número de habitantes por UC. **Bolsa Floresta Social:** Destinado à melhoria da educação, da saúde, da comunicação e do transporte. O valor pago também varia de acordo com o número de habitantes por UC. **Bolsa Floresta Familiar:** Tem como objetivo envolver as famílias moradoras e usuários das UCs na redução do desmatamento e na valorização da floresta em pé. Na prática, diz respeito ao pagamento de uma recompensa mensal de R\$ 50, pago às mães de famílias residentes dentro das UCs, que estejam dispostas a assumir um compromisso de conservação ambiental e desenvolvimento sustentável. **Bolsa Floresta Associação:** Destinado às associações dos moradores das UCs. Sua função é fortalecer a organização e o controle social do programa. Equivale a 10% da soma de todas as Bolsas Floresta Familiares.

Esses benefícios elencados dão um panorama do quanto a comunidade poderia ter suas necessidades resolvidas, pois estabelecem uma série de recursos que colaboram com a manutenção do modo de vida sustentável dessa população. Mas para que os recursos sejam disponibilizados, é necessário que haja uma organização jurídica da comunidade. É este objetivo que os comunitários vão buscar com a criação da comunidade São Francisco do Matupá.

O primeiro passo para fundar a comunidade foi reunir os moradores para discutir a proposta. As reuniões começaram a ocorrer em locais estratégicos, na casa dos líderes, onde todos podiam participar. A ideia central era clara: unir forças para que todos pudessem se beneficiar das bolsas e das oportunidades associadas à RDS.

Fiz uma reunião com meus irmãos, onde eu informei para eles que podia acontecer se nós não criássemos a comunidade. Então, ficou acordado entre nós a criação e também foi escolhido o nome, que foi São Francisco, Lago do Matupá, e o nome escolhido por nós foi uma homenagem ao nosso pai, que se chamava Francisco. (Edilson Lima, 2024)

Durante essas reuniões, os moradores compartilharam, segundo seus relatos, as esperanças e expectativas em relação aos benefícios. Muitos acreditavam que, ao se organizarem como uma comunidade formal, poderiam não apenas garantir o acesso às bolsas, mas também criar um ambiente propício para o desenvolvimento sustentável. As quatro bolsas ofereciam apoio em áreas como educação, saúde, capacitação profissional e preservação ambiental, e os moradores viam nelas uma chance de mudar suas vidas para melhor.

A gente sabe que um trabalho individualizado é um pouco mais complicado, é um pouco mais difícil. Então a gente mostrava sempre essa proposta para as pessoas de que o trabalho organizado, o trabalho comunitário organizado seria uma ponte para que as pessoas, no futuro, tivessem mais facilidade nessa aquisição de custo e benefício. (Robertinho, 2024)

Alguns moradores da região visavam, além dos benefícios proposto pela RDS, dar andamento a o legado do senhor Francisco Lima Rodrigues, pioneiro e patriarca da família Lima, que tinha o desejo de reunir grande números de moradores na localidade. Já com seu pai falecido, o senhor Edilson Lima resolveu tomar para si aquele desejo do pai de organizar a vila que mais tarde se tornaria uma próspera comunidade.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Esse daí era o ponto fundamental, carregar o nome dos familiares antigos, que era um sonho. Era um sonho do seu Francisco Lima, o pai do meu sogro, reunir um povoado bem grande. (Edson Lisboa. 2024)

Esse grupo começou a se encontrar. As reuniões eram informais, sugeriram proposta e com a proposta dois aliados, senhor Robertinho que reside na comunidade boca do Taciua, e o senhor José Alfon que futuramente seria socio da comunidade São Francisco.

O processo de fazer alianças, foi de grande relevância, porque o senhor Robertinho já tinha um trabalho dentro da sua comunidade São Sebastião, comunidade que então, já tinha passado por todo o processo de organização, documentação e consolidação. Foi este personagem que articulou, junto com Edilson, os caminhos para regularização da comunidade dentro da RDS. Desenvolveram um trabalho de cooperação, mostrando para os moradores que trabalhar individual é mais complicado e árduo, que o trabalho coletivo.

A gente sabe que um trabalho individualizado é um pouco mais complicado, é um pouco mais difícil. Então a gente mostrava sempre essa proposta para as pessoas de que [...] o trabalho comunitário organizado seria uma ponte para que as pessoas, no futuro, tivessem mais facilidade nessa aquisição de custo e benefício. (Robertinho. 2024)

Ao longo do processo de fundação, a comunidade enfrentou um obstáculo que era a falta de moradores. Alguns já tinham ido a óbito, outros já tinha saído da região para Novo Aripuanã em busca de educação mais adequada para seus filhos, diminuindo o contingente necessário para uma comunidade.

Quando eu cheguei lá era só um vilarejo, tinha poucas casas e poucos moradores e uns também já tinham saído de lá, uns já tinham morrido, os mais antigos, mas eram bem poucas casas no caso, era a casa do meu sogro e a casa do pai do meu sogro e a outra casinha bem do lado que também era do parente do pai do meu sogro” (Edson Lisboa. 2024)

Foi aí que o senhor Edilson Lima teve uma ideia: chamar moradores da região vizinha que até então não haviam constituído comunidade, mas possuíam moradores que desejavam fazer parte de uma. foram incluídas três famílias da comunidade que futuramente viria a ser o Setemã.

Haveria três famílias no Matupá com residência própria. Incluímos três famílias do Setemã. [...] quem podia participar que fosse [do] entorno. Entorno da comunidade. do Setemã. As famílias foram Josué e Zenilda, Juarez e família, Jair e família. E assim se formou as sete famílias na comunidade. (Edilson Lima. 2024)

Todo o processo de busca por moradores foi essencial para a obtenção de benefícios e para a construção da comunidade, que foi se fortalecendo e se configurando como um espaço democrático e de fortalecimento comunitário.

Nós ganhamos, [...] nós ganhamos duas roçadeiras, nós demos duas para eles lá que eles precisavam, que eles participavam da nossa comunidade, que lá na dele não era. Nós ganhamos quatro motores, nós demos dois para eles, ficamos com dois, era tudo dividido. Foi uma coisa bem assim, como eu posso dizer, foi bem aprimorada e conversada antes, que ia ser assim, eles iam participar com a gente, mas nós íamos dividir o que fosse de benefício com eles. (Edson Lisboa . 2024)

Essa aliança entre povoados foi que deu origem, finalmente, à Comunidade São Francisco Lago do Matupá, fundada, no ano de 2009. Tendo como seus fundadores, Edilson Lima se tornado presidente, seu vice Sr. José Alfon e a senhora Diana Braga como tesoureira. Observa-se que nessa luta eram de homens e mulheres visando alcançar a independência da referida comunidade seja ela econômica, política ou cultural.

Ao segundo dia do mês de agosto de ano de 2009 (02.08.2009). Reuniram-se na referida os moradores e mais membros de outra comunidade, o intuito de funda e nomear os membros da diretoria que iram trabalho pelo desenvolvimento da referida comunidade. (Ata de Fundação da comunidade. 2009)

5. Projetos e Conquistas

A criação da reserva de desenvolvimento sustentável, foi um marco importante na história da comunidade, dando apoio financeiro permitindo implementação de projetos que melhoram significativamente a vida dos moradores. Nesse sentido o contexto da inserção da comunidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS do Rio Madeira é crucial. Criar uma comunidade dentro desse espaço implica interações com políticas públicas voltadas para a conservação ambiental e desenvolvimento sustentável. A luta por direitos dentro dessa área específica mostra uma preocupação com a preservação dos recursos naturais enquanto se busca garantir o sustento e o bem-estar das famílias. O reconhecimento dos direitos dos moradores dentro da RDS é fundamental

para garantir que as tradições locais sejam respeitadas e que as comunidades possam continuar suas práticas sustentáveis. Nesse sentido essa entidade se configura como

uma forma de regularização da terra que reconhece os direitos de quem sobreviver (as comunidades tradicionais), de forma a conservá-los e ajudar no desenvolvimento dessas populações. Ela é criada pelo governo federal ou estadual, sempre que as comunidades estiveram de acordo. Em uma RDS são criadas algumas regras de uso junto com as comunidades para garantir que as atividades desenvolvidas dentro dela não prejudiquem os moradores, nem os recursos que eles precisam. (Andrade, 2001, p. 13)

A criação da reserva, visa a proteção dos recursos naturais da comunidade. Pois, existiam muitos problemas ambientais nesses locais, ocorridos devido a invasão desordenada e atividades não autorizadas, em especial o garimpo ilegal, a atividade madeireira e a pesca predatória. Essa defesa do modo de vida reflete-se como empoderamento comunitário, onde as pessoas se unem para reivindicar seu espaço e voz. Isso é essencial para fomentar uma identidade coletiva e fortalecer laços sociais, criando um senso de pertencimento.

6. Considerações finais

A comunidade São Francisco é um exemplo inspirador de como a luta coletiva e a preservação podem transformar vidas. A partir da criação da RDS, a comunidade passou a contar com uma estrutura de apoio que permite captação de recursos em favor da comunidade a serem aplicados no desenvolvimento de projetos sustentáveis é na melhoria da infraestrutura da comunidade.

Em conclusão, a comunidade em questão superou diversos desafios agrícolas e comerciais, demonstrando resiliência e capacidade de adaptação. A união entre os moradores foi fundamental para a implementação de melhorias significativas, como o aperfeiçoamento dos meios de transporte e a modernização dos processos produtivos. Essas conquistas não apenas fortaleceram a economia local, mas também promoveram um maior bem-estar social. O comprometimento da comunidade em enfrentar adversidades serve como exemplo de que, com colaboração e inovação, é possível transformar realidades. Assim, a região se destaca hoje como um modelo de desenvolvimento sustentável e coesão social.

7. Referência oral

Diana Braga Rodrigues; **comunidade são Francisco do Matupá sua trajetória e luta em busca de melhorias e conquista do ano de 2003 a 2013**. Entrevista concedida a Elison Rodrigues Cavalcante. Novo Aripuanã – Amazonas. outubro de 2024.

Edson Lisboa Cavalcante ; **comunidade são Francisco do Matupá sua trajetória e luta em busca de melhorias e conquista do ano de 2003 a 2013**. Entrevista concedida a Elison Rodrigues Cavalcante. Novo Aripuanã, Amazonas. outubro de 2024.

Ednaide Mascarinha Braga; **comunidade são Francisco do Matupá sua trajetória e luta em busca de melhorias e conquista do ano de 2003 a 2013**. Entrevista concedida a Elison Rodrigues Cavalcante. Novo Aripuanã, Amazonas. setembro de 2024.

Edison Lima Rodrigues; **comunidade são Francisco do Matupá sua trajetória e luta em busca de melhorias e conquista do ano de 2003 a 2013**. Entrevista concedida a Elison Rodrigues Cavalcante. Novo Aripuanã, Amazonas. setembro de 2024.

Robertinho Vieira dos Santos; **comunidade são Francisco do Matupá sua trajetória e luta em busca de melhorias e conquista do ano de 2003 a 2013**. Entrevista concedida a Elison Rodrigues Cavalcante. Novo Aripuanã, Amazonas. outubro de 2024.

8. Referências bibliográficas

ANDRADE, Roberta. Organização Social na Amazônia: **uma experiência de associativismo na RDS do Rio Madeira (novo Aripuanã e Manicoré/AM)**. Instituto Internacional de Educação do Brasil; 2011

COMUNIDADE MATUPÁ . Reunião de fundação da comunidade São Francisco lago do Matupá. **Ata de Fundação**. Acervo Matupá, Novo Aripuanã. 2009.

MEIHY, José Carlos et al. História oral: **como fazer e como pensa**. 2,ed. São Paulo, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **História oral e poder**. Vol.6, n/2. P.2-13 artigo 2010.

TRINDADE, Patrícia dos Santos et al. **O cotidiano da criança ribeirinha da comunidade de Bom Socorro do Zé Açú**. Parintins/AM. 2020.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: **na história e na literatura**, São Paulo; cia das letras, v199, 1973